

IDENTIDADES CRISTÃS NA ANTIGUIDADE TARDIA: RESSIGNIFICAÇÕES DOS VALORES E PRÁTICAS ROMANAS NA *APOLOGIA* DE TERTULIANO

Talita Rosa Mística Soares de Oliveira¹
Orientadora: Prof^a Dr^a Marinalva Vilar de Lima²

Resumo: O presente artigo analisa a escrita de Tertuliano, teólogo africano do século II, considerando as articulações feitas pelo autor com outras produções e discursos da época. Sua principal obra *Apologetica* (197) se configura no momento de conflitos entre a religião emergente, o cristianismo, e as crenças tradicionais dos romanos. Neste contexto, buscamos estudar as contribuições de Tertuliano no processo de construção de uma identidade para o cristianismo em sua fase inicial, que posteriormente influenciou o pensamento cristão ocidental. Examinamos as semelhanças e diferenças entre os mecanismos de legitimação de uma “moral cristã”, marcada pela apropriação e (re)significação dos valores morais dos antigos, no qual Tertuliano coloca os romanos como o “outro” num cenário em que era preciso constituir um ideal de identidade para o cristianismo. Neste sentido, problematizamos os discursos de Tertuliano a partir do diálogo com escritores clássicos e estudiosos contemporâneos que nos permitem compreender o jogo de alteridade presente nas relações entre os dois modelos de “moral” existentes neste contexto histórico.

Palavras-chave: Cristianismo primitivo, Tertuliano, Identidade, Moral.

Abstract: The present article examines the writing of Tertullian, African theologian of the second century, considering the links between the work, author, well as interactions with other productions and discourses of the time. Based on work *Apologetics* (197), studied the contributions of Tertullian in the process of building an identity for Christianity in its initial phase, which subsequently influenced the entire Western Christian thought. In this sense, examined the similarities and differences between the mechanisms of legitimation of a "Christian morality" marked by the appropriation and reinterpretation of the old moral values, questioning the discourses of Tertullian from dialogue with classical writers and contemporary scholars that help us understand the game of otherness present in relations between the two models of "moral" existing in this historical context.

Key-words: Early Christianity, Tertullian, Identity, Moral

O contexto das perseguições aos cristãos, sem dúvida, se configura num dos temas mais relevantes do período do cristianismo primitivo. Entre os escritores cristãos que a abordaram está Quinto Séptimo Florens Tertuliano, seus escritos serviram de base para a literatura cristã, não apenas nos séculos II e III, mas influenciaram a teologia

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da UFCG Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais – LATTES/UFCEG.

² Pós-Doutora em História social pela Universidade de São Paulo (USP); Professora da área de História antiga e medieval da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG).

elaborada por importantes pensadores cristãos da Idade Média, a exemplo de Santo Agostinho (séc. V). Tertuliano era advogado, natural de Cartago, e viveu num período marcado por um intenso dinamismo político-cultural, haja vista ter sido a África do Norte uma região de grande importância econômica e geopolítica para os romanos, tendo sido incorporada aos seus territórios desde as guerras púnicas (séc. III e II a.C.), quando Roma e Cartago disputavam a hegemonia do Mediterrâneo Ocidental. (BUSTAMANTE, 2006).

As regiões colonizadas por Roma, a exemplo de Cartago, passaram por um processo de romanização, no sentido de ser organizada política e economicamente por inspiração na capital do império. Influência que se efetiva também nas mentalidades e comportamentos adotados pelas populações nas províncias do norte da África, em especial as cartaginesas.

É neste contexto que surge Tertuliano, e insere-se numa tradição de escritores apologistas que, diante das tensões surgidas do confronto entre a prática da religião cristã e os costumes tradicionais, buscam defender a imagem do cristianismo frente aos que não concordam com seu culto. Ao analisarmos a obra *Apologeticum*, vemos sua tentativa de forjar uma identidade coletiva através da reafirmação contundente das verdades cristãs e da produção de modelos a serem adotados por seus seguidores.

Nesta obra, escrita num período marcado por perseguições ao cristianismo, Tertuliano atua como advogado em defesa dos cristãos e rebate as acusações feitas por representantes do império romano, que colocavam os cristãos como inimigos do império, por não prestarem culto aos deuses, não prestarem homenagens ao imperador, entre outras denúncias. Para isto, Tertuliano faz a sua defesa, buscando elementos na história, nas práticas religiosas e culturais dos romanos para legitimar as doutrinas pregadas pelo cristianismo e suas práticas.

Levando o debate para a esfera intelectual como uma das estratégias de defesa, Tertuliano coloca que a falta de conhecimento sobre o cristianismo é que levara os magistrados a acreditarem nas acusações, afirmando que se conhecessem de fato os princípios da religião, não dariam crédito a tais denúncias, levando a discussão retoricamente para o campo do conhecimento, Tertuliano visava convencer racionalmente os governantes. (OLIVEIRA, s/d, p.4)

Os cristãos eram acusados de oferecerem crianças em sacrifício a seu Deus, de manterem relações incestuosas, de cometerem homicídios, de serem imorais, e não reverenciarem os deuses tradicionais e o imperador. Tertuliano então contra ataca

apropriando-se de valores e costumes da cultura romana, a fim de provar que na realidade todos esses crimes eram cometidos pelos próprios acusadores: “*Eis como posso refutar tais acusações: mostrar-vos-ei práticas que vigoram entre vós, em parte abertamente, em parte secretamente, que vos levaram, talvez, a nos acusar de coisas semelhantes.*” (TERTULIANO, *Apológico IX*).

Para fundamentar sua defesa, Tertuliano aponta tais práticas dentro das formas de culto dos romanos, conforme evidenciado:

Os meninos eram sacrificados abertamente na África a Saturno até o consulado de Tibério. [...] Mais homens idosos eram sacrificados a Mercúrio nas Gálias. Tenho em mãos as lendas táuricas feitas para vossos próprios teatros. Por que mesmo nessa piedosa cidade de piedosos descendentes de Enéias, há um certo Júpiter que em vossos jogos é banhado com sangue humano? (TERTULIANO, *Apológico IX*).

Tertuliano então inverte as posições neste debate com os romanos, afirmando as bases do pensamento cristão, pondo à parte os valores romanos, julgando-os a partir de sua moral cristã, lançando uma série de críticas aos códigos da sociedade, aos divertimentos, aos jogos, aos cultos e festas, aplicando aos valores romanos, concepções cristãs que os classificava como imorais e amantes dos prazeres.

Segundo nosso autor, houve conflitos entre a religião oficial do império e outros grupos religiosos que entraram em cena, como o cristianismo, religião monoteísta que se recusava a reverenciar os deuses romanos e a prestar homenagens ao imperador, conforme vai enfatizar no *Apologeticum*:

Sim não oferecemos sacrifícios a outros pela mesma razão pela qual não os oferecemos a nós mesmos, ou seja, porque vossos deuses não são, de modo algum, referenciais para nossa adoração. Por isso somos acusados de sacrilégio e de traição. Esse é o principal fundamento de vossa perseguição contra nós. (TERTULIANO, *Apológico X*).

Segundo Beltrão (2006): “*Se pensarmos que os altares ao imperador eram colocados muito próximos ao tribunal do magistrado que ouvia os seus casos, era um sacrifício simbólico ao imperador que geralmente se pedia como prova de sua lealdade a Roma*” (BELTRÃO, 2006, p.150). Desse modo, o cristianismo após seu rompimento com o judaísmo passou a ser considerada uma religião ilícita, portanto, passível de ser perseguida pelo império, sendo seus seguidores enquadrados no crime de *lesa-majestade* por não reconhecerem a divindade e, conseqüentemente, a autoridade do Imperador.

Neste contexto de oficialidade imperial da religião tradicional de culto aos deuses e cristianismo emergente, Paul Veyne (2010) traça um panorama do florescimento da doutrina cristã, bem como as perseguições sofridas pelos cristãos, demonstrando que a intransigência monoteísta; a postura dos cristãos em não assumirem cargos públicos, pelo fato de isto implicar nas práticas de ritos como o culto imperial e de da prática dos demais deveres cívicos e religiosos; despertava a desconfiança e até mesmo o ódio dos romanos não cristãos, pois estes viam no exercício dos rituais, e na relação entre os deuses e os homens, uma maneira de evitar o caos e garantir a ordem romana da sociedade.

Os cristãos se recusavam a participar das festas, espetáculos, sacrifícios e homenagens ao imperador, estas e outras diferenças entre a religião cristã e a romana deram base às perseguições sofridas pelos cristãos, segundo Veyne (2010), até mesmo as concepções de “deus” e de “religião” dos dois grupos divergiam, conforme argumenta:

O cristianismo era suspeito e até odiado pelo povo: por seu “discurso” não se parecer com nada até então conhecido, portanto, provocava sempre uma certa desconfiança, o cristianismo era uma religião sem religião (Nem mesmo ofereciam sacrifícios! Que horrores não fariam em vez disso?) (VEYNE, 2010, p.68).

Neste contexto, Tertuliano busca forjar uma identidade coletiva, através da reafirmação contundente das verdades cristãs e da depreciação da cultura romana. Estes valores passam a ser efetivados quando deixam o campo discursivo e passam a ser incorporados nas instituições e hábitos, originando uma nova concepção de moral, uma nova forma de vida, reforçando os laços de unidade. No caso do Ocidente, os princípios cristãos foram tão interiorizados na nossa cultura, que nos causa estranhamento imaginar que pudesse existir uma sociedade em que as noções de família, casamento, religião e moral sejam divergentes das que conhecemos.

Em *Apologético*, Tertuliano nos exemplifica sua concepção de moral, de maneira a diferenciar os cristãos do resto da sociedade romana. Num momento em que se fazia necessária a construção de elementos identitários que promovessem a união entre os cristãos, Tertuliano coloca os romanos como o “outro” deste cenário e elabora valores para os cristãos, concretizados numa série de simbolismos, práticas e representações que configuraram um novo ideal de moral.

A historiografia moderna associou Roma ao mundo das libertinagens, das orgias, principalmente devido às denúncias feitas pelos moralistas antigos determinados em

combater os vícios de sua época a exemplo de Sêneca e Petrônio. Os escritores cristãos também comprometidos em reformar a sociedade de acordo com os preceitos bíblicos utilizavam-se da rotulação e do deboche de tudo o que fazia parte da religião e cultura tradicional romana denunciando-as enquanto imorais (CARCOPINO, 1990).

Vemos este processo claramente em *Apologético*, no momento em que Tertuliano lança críticas aos comportamentos dos romanos, desde seu trato com as leis até sua forma de adoração aos deuses e o respeito às tradições, colocando-os como amantes dos prazeres, imorais, e exaltando a castidade e a abstinência dos cristãos: *“Esta é a razão, pois, do por que serem os cristãos considerados inimigos públicos: eles não são vaidosos, falsos, nem imprudentes com relação à honra do imperador; como homens que acreditam na verdadeira religião, eles preferem celebrar seus dias de festa com boa consciência, ao invés de serem libertinos”*. (TERTULIANO, *Apologético* XXXV).

Ao contrário da moral cristã, a moral romana não se baseava em outros critérios além da categoria social, não havia interdições morais para a realização de certas práticas como o adultério, o sexo entre iguais, ou a contratação dos serviços de uma prostituta. O que existia na verdade era a concepção de que a virtude e a moral romana deveriam ser veladas por alguns. As mulheres destinadas para o casamento deveriam se preservar, as mulheres livres do casamento: escravas, alforriadas, estrangeiras, podiam desfrutar de seu corpo como bem quisessem (VEYNE, 1991).

Os homens “bem-nascidos” distanciavam-se de seus inferiores através de um estilo de cultura e vida moral, mantinham seu comportamento moral mediante o equilíbrio harmonioso do corpo pelos métodos gregos, como exercícios, regimes, banhos, seguiam um exigente código de comportamento público, como por exemplo, poderiam se entregar aos prazeres desde que não adotassem uma postura passiva. (GRIMAL, 1991).

Segundo Robert: *“A sociedade não condena o amor “contra a natureza”, mas o fato de ser passivo, ou seja, de está a serviço do outro. Este papel só era concebível para um ser de categoria inferior.”* (ROBERT, 1995, p. 221). O cidadão romano deveria ter uma postura ativa, do contrário estaria assumindo o papel de escravo, ou de uma mulher, ser inferior, perdendo com isso sua virtude. Nas relações amorosas, o fato de amar não era julgado como bom ou mau o que determinava sua interdição era se esta relação implicaria na perda da fortuna (ROBERT, 2006).

Na Roma imperial, porém, a moral baseada na divisão da sociedade por categorias cede espaço para o surgimento de uma nova noção de virtude, pautada nas interdições sexuais, marcada pela apropriação e ressignificação dos valores morais dos antigos. A sociedade dos séculos subsequentes não foi cercada apenas por um sistema mais rigoroso de proibições, os indivíduos passaram também a ver seus próprios corpos de maneira diferente.

Em seu livro *Uma história do Corpo na Idade Média*, Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006) apontam o surgimento do cristianismo, bem como as transformações da teoria do pecado original em pecado sexual pela igreja como preconizadores de uma reviravolta ideológica, e com a criação de regras sociais que instituíram a condenação do corpo e da sexualidade, em que os prazeres carnais deveriam ser subjugados, e o pudor, a abstinência e a castidade deveriam ser observados, como exposto por Tertuliano:

Uma castidade perseverante e firme nos tem protegido de algo assim, pois, resguardando-nos, como fazemos de adultérios e todas as infidelidades após o matrimônio. Não estamos expostos a infortúnios incestuosos. Alguns de nós – tornando o assunto ainda mais seguro – nos abtemos inteiramente do pecado sexual pela continência virginal; mesmos meninos nossos tomam tal decisão quando ficam adultos. Se tiverdes notícia de que tais pecado que mencionei existem entre vós, examinem e vejam eles não existem entre os cristãos. (TERTULIANO, Apologético, IX).

De acordo com Étienne Gilson, em seu livro *O Espírito da Filosofia Medieval* (2006), o processo de formulação da lei e da moralidade cristã passou pela vinculação das noções de beleza e honra ao bem, e este bem está diretamente vinculado a um princípio transcendente que merece honra e é fonte de toda a virtude, neste caso Deus.

Ao analisar a noção de moral para os antigos, Gilson afirma que a moral para Aristóteles, por exemplo, é o que merece elogios, honras, coisas que são válidas por si só, por sua essência. A virtude é entendida por essência como um hábito, uma disposição adquirida que permite a quem a possui agir de acordo com sua natureza, logo para uma coisa ser boa, ser moralmente aceitável, ela precisa satisfazer sua essência, e as exigências de sua natureza, “*um ato é moralmente bom, quando é conforme a natureza de quem o consoma*” (GILSON, 2006, p. 397).

Esta definição de moral e virtude, porém, não serve para os moralistas cristãos, pois, ela não dá espaço para Deus, o pecado é para o cristianismo agir contra a lei divina. Pecar é estar indo contrariamente a lei que rege a natureza, a vontade de Deus,

que criou todas as coisas. A virtude humana então, se mede pela conformidade da ação do homem com a vontade divina, ao mesmo tempo em que pela sua concordância com a razão. Neste caso, a razão seria a clareza, o discernimento de fazer o que é certo, porém esta iluminação não vem do homem, mas provém de Deus, através da observância de suas leis. Logo, pecado é violar as leis da razão, e esta razão é a vontade de Deus que deve direcionar as ações do homem. (GILSON, 2006).

Com o cristianismo ocorre uma interiorização da moral, onde até os pensamentos eram observados por Deus, por isso a vigilância das práticas, das ações, e até as intenções se faziam necessárias, criando assim, um corpo de interdições e proibições. No entendimento dos escritores cristãos, as leis deveriam zelar pela verdade, e pelo cumprimento do bem moral, pois, a vida do homem fazia agora parte de um plano maior, e suas ações acarretavam consequências eternas.

Vemos, portanto, o contexto histórico-religioso com que vão conviver os primeiros cristãos, destacando as mudanças ocorridas a partir dos embates entre os valores tradicionais e a nova religião. Discorreremos sobre as perseguições a que foram submetidos os cristãos neste período, demonstrando nosso entendimento sobre a forma como o referido escritor, em sua obra, trata os diferentes aspectos da sociedade romana. Elaboração que se dá a partir da crítica aos valores e costumes tradicionais, base em que se sustenta a defesa com que contribui para a consolidação do cristianismo, através do surgimento de uma nova sociabilidade proposta pelas ideias cristãs.

Focalizamos na obra de Tertuliano as contribuições para a construção de uma nova noção de moral e de virtude, pautada numa série de interdições sexuais, mediante a apropriação e (re) significação dos valores morais antigos, ao tempo em que novos símbolos culturais e imaginários são forjados e incorporados nas práticas culturais deste grupo, elementos estes que preconizaram uma reviravolta ideológica, através da criação de regras sociais que instituíram a condenação do corpo e da sexualidade, colocando a figura da mulher enquanto símbolo de todas as tentações, sob pregação da rejeição ao prazer carnal, mediante a prática de uma vida voltada para o pudor, a abstinência e a castidade. Elementos que articulam a base identitária para o cristianismo em seus inícios.

As visões de Tertuliano da moral influenciaram as produções cristãs posteriores a exemplo do próprio Agostinho, e deram embasamento para o pensamento cristão, que se estendeu por toda idade média e foi um dos principais colaboradores para a formação de conceitos que tornaram o medievo ocidental como um mundo voltado para o

masculino, para o pudor, a rejeição do corpo, e conferiram um lugar de inferioridade e submissão da mulher ao homem, noções estas que estão disseminadas na cultura Ocidental de base cristã. Traçar um estudo a partir de escritores medievais consiste em um diferencial neste cenário de pesquisa, uma vez que podemos reconhecer uma forte influência do saber e dos valores medievais ainda presentes nos discursos atuais acerca da moral.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

TERTULIANO. *Apologeticum*. Trad. Carmem Castilho Garcia. Madrid. Gredos, 2001.

TERTULIANO. *Apologia*. Trad. José Fernandes Vidal/ Luiz Fernando Karps Pasquotto. Disponível em: www.tertullian.org/brazilian/apologia.html.

TERTULIANO. *O Ornamento das Mulheres*. Disponível em: <http://www.intratext.com/IXT/LAT0750/>

TERTULIANO. *De Exhortatione Castitatis*. Disponível em: <http://www.intratext.com/IXT/LAT0744/>

Obras gerais

BELTRÃO, Claudia Rosa. “A Religião na Urbs”. MENDES, Norma Musco. SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Maudad, ES: EDUFES, 2006.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. “Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade”. MENDES, Norma Musco. SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Maudad, ES: EDUFES, 2006.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: ARIÉS, P. DUBY, G. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. 225-300 p.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade, O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio. *Curso de Teologia Patrística II, a vida da Igreja Primitiva (séc. III)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.
- GILSON, Étienne. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GRIMALL, Pierre. *O Amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PILOSU, Mário. *A mulher, a Luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- PODOLAK, Pietro. *Tertuliano*. São Paulo: Edições Loyola. 2010.
- ROBERT, Jean-Nöel. *Os Prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROSSIAUD, Jacques. *Prostituição na Idade Média*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SIQUEIRA, Silvia Márcia Alves. *Instruir as Mulheres: admoestação à modesta do De Cultu Feminarum de Tertuliano*. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/actaeduc/v33n02/v33n02a03.pdf>
- SIMON & BENOIT. *Judaísmo e Cristianismo Antigo*, São Paulo: Pioneira. 1987.
- SOUZA, Márcio Luciano Fernandes de. *Cristianismo: Das perseguições a (Con)sagração*. Crato: URCA, 2004. (Monografia de conclusão de curso de especialização em Estudos Clássicos - Cultura greco-romana).
- OLIVEIRA, Eduardo Soares de. *A construção da imagem do Mártir da obra Apologeticum de Tertuliano*. Disponível em:
http://poshistoria.historia.ufg.br/uploads/113/original_18_EduardoOliveira_AConstrucaoDalmagemDo.pdf.
- VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In: ARIÉS, P. DUBY, G. *História da Vida Privada: do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. 23-223 p.
- _____. *A sociedade Romana*. Trad.: Maria Gabriela de Bragança, Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. *Quando Nosso Mundo se tornou cristão*. Trad.: Marcos de Castro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.